



Crítica de teatro. 'Macbeth' por companhia guineense no Teatro da Trindade

Um clássico recriado em atmosfera africana

A sangrenta tragédia de Shakespeare numa leitura originalíssima

MIGUEL-PEDRO QUADRIDO

Enquanto no Teatro de São Carlos se ouve o ultra-romântico *Macbeth* de Verdi, uns quarteirões mais acima, no Teatro da Trindade, está em cena *Namanha Makbunhe*, uma curiosíssima recriação da tragédia shakespeariana, onde Andrzej Kowalski dirige um elenco só integrado por actores negros (uma parceria entre o Teatro D. Maria II e a companhia guineense Os Fidalgos).

As feiticeiras que, em Shakespeare, preanunciam a ascensão e queda do fidalgo ingrato – assassinado Duncan, seu real protector, lança-se numa senda de horror e morte para garantir o poder usurpado – tornam-se aqui em personagens verosímeis numa inquietante coexistência mágica entre espírito e matéria.

Esta perspectiva inusitada vinca-se através de duas figuras colocadas fora da acção – um contador de his-

tórias e um músico –, que antecipam o que se passará em palco como narrativa arcaica e cíclica, onde os homens se revelam cruamente.

Típico das culturas subsarianas de tradição oral, esta moralização permite reler *Macbeth* como epopeia de heróis e vilões que exemplifica o bem e o mal a uma plateia atenta (note-se, porém, como o encenador armadilha o final, pois onde Shakespeare imaginou a reposição da ordem pela punição dos culpados e pelo regresso da justiça, Kowalski vaticina o recomeço duma nova era de violência, situação recorrente na África contemporânea).

O monumental cenário de Leszek Madzik adensa esta atmosfera

Namanha Makbunhe

Autores: William Shakespeare e Andrzej Kowalski

Encenação: Andrzej Kowalski

Intérpretes: Mário Spencer,

Domingos Gomes Marques, Amélia da Silva, Josefina Massango, entre outros

Local: Teatro da Trindade, de quarta a sábado, 21.30; domingo, 16.00

grave, embora a sala à italiana do Trindade não deixe brilhar a conjugação despojada dum chão nu (pensado para ser de terra batida, parece-me) com os enormes elementos que diferenciam os espaços fundamentais da trama: a floresta das bruxas (misteriosas fitas prateadas recobrem, no fundo de palco, uma vegetação abstracta), a casa de Macbeth (dois grandes painéis, rústicos e vermelhos, que estreitam obliquamente a cena) e a "floresta móvel", que desce da teia. A proliferação de sons indeterminados, a iluminação rarefeita e as coreografias brutais das feiticeiras agudizam, também, esta confluência de planos.

Se esta versão conserva o essencial da tragédia – assinala-se, apenas, a duplicação da cruel Lady Macbeth, que assim ganha um rosto humano –, o espectáculo torna-se imperdível pela saborosa mistura entre o português e o crioulo, pela genuinidade dos desempenhos, que nunca cedem ao distanciamento etnográfico, e por uma requintada técnica de articular emoções vividas com a tipificação expressiva de gestos e registos. ■